

A metamorfose da etnia em raça

Octavio Ianni

Mais uma vez, no início do século 21, muitos se dão conta de que *está novamente em curso um vasto processo de racialização do mundo*. O que ocorreu em outras épocas, a começar pelo ciclo das grandes navegações, descobrimentos, conquistas e colonizações, torna a ocorrer no início do século 21, quando indivíduos e coletividades, povos e nações, compreendendo nacionalidades, são levados a dar-se conta de que se definem, também ou mesmo principalmente, pela etnia, *a metamorfose da etnia em raça, a transfiguração da marca ou traço fenotípico em estigma*. Sim, no século 21 continuam a desenvolver-se operações de “limpeza étnica”, praticadas em diferentes países e colônias, compreendendo inclusive países do “primeiro mundo”; uma prática “oficializada” pelo nazismo nos anos da Segunda Guerra Mundial (1939-45), atingindo judeus, ciganos, comunistas e outros; em nome da “civilização ocidental”, colonizando, combatendo ou mutilando outras “civilizações”, outros povos ou etnias. A guerra de conquista travada pelas elites governantes e classes dominantes norte-americanas, em 2002 no Afeganistão, e em 2003 no Iraque, pode perfeitamente ser parte da longa guerra de conquistas travadas em várias partes do mundo, desde os inícios dos tempos modernos, como exigências da “missão civilizatória” do Ocidente, como “fardo do homem branco”, como técnicas de expansão do capitalismo, visto como modo de produção e processo civilizatório.

Cabe refletir, portanto, sobre o enigma ou os enigmas escondidos na questão racial, enquanto sucessão e multiplicação de xenofobias, etnicismos, intolerâncias, preconceitos, segregações, racismos e ideologias raciais, desde os inícios dos tempos modernos, em todo o mundo.

A – A raça, a racialização e o racismo produzem-se na dinâmica das relações sociais, compreendendo as suas implicações políticas, econômicas, culturais. É a dialética das relações sociais que promovem a *metamorfose da etnia em raça*. A “raça” não é uma condição biológica como a etnia, mas uma condição social, psicossocial e cultural, criada, reiterada e desenvolvida na trama das relações sociais, envolvendo jogos de forças sociais e processos de dominação e apropriação. Racializar uns e outros, pela classificação e hierarquização, revela-se inclusive uma técnica política, garantindo a articulação sistêmica em que se fundam as estrutu-

ras de poder. Racializar ou estigmatizar o “outro” e os “outros” é também politizar as relações cotidianas, recorrentes, em locais de trabalho, estudo e entretenimento; bloqueando relações, possibilidades de participação, inibindo aspirações, mutilando a práxis humana, acentuando a alienação de uns e outros, indivíduos e coletividades. Sob todos os aspectos, a “raça” é sempre “racialização”, trama de relações no contraponto e nas tensões “identidade”, “alteridade”, “diversidade”, “desigualdade”, compreendendo integração e fragmentação, hierarquização e alienação.

B – Um segredo da constituição da “raça”, enquanto categoria social, está na acentuação de algum signo, traço, característica ou marca fenotípica por parte de uns e outros, na trama das relações sociais. Simultaneamente, na medida em que o indivíduo em causa, podendo ser negro, índio, árabe, judeu, chinês, japonês, hindu, angolano, paraguaio ou porto-riquenho, está em relação com outros, aos poucos é identificado, classificado, hierarquizado, priorizado ou subalternizado. Mesmo porque uns e outros, indivíduos, grupos, famílias e coletividades estão inseridos em processos de cooperação, divisão do trabalho social, hierarquização, dominação e alienação, *a transformação da marca em estigma*, o que se manifesta na xenofobia, etnicismo, preconceito, segregação, racismo. Aos poucos, o traço, a característica ou a marca fenotípica transfigura-se em estigma. Estigma esse que se insere e incrusta nos comportamentos e subjetividades, formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, como se fosse “natural”, dado, inquestionável, reiterando-se recorrentemente em diferentes níveis das relações sociais, desde a vizinhança aos locais de trabalho, da escola à igreja, do entretenimento ao esporte, das atividades lúdicas às estruturas de poder (NOGUEIRA, 1985; GOFFMAN, 1975).

Note-se que o estigma não atinge apenas aqueles que pertencem a “outras” etnias, já que atinge também a mulher, o operário, o camponês, os adeptos de outras religiões, o comunista. Trata-se de elaboração psicossocial e cultural com a qual a “marca” transfigura-se em “estigma”, expresso em algum signo, emblema, estereótipo, com o qual se assinala, demarca, descreve, qualifica, desqualifica, delimita ou subordina o “outro” e a “outra”, indivíduo ou coletividade. Este é um aspecto fundamental da ideologia racial: o estigmatizado, aberta ou veladamente, é levado a ver-se e movimentar-se como estigmatizado, estranho, exótico, estrangeiro, alheio ao “nós”, ameaça; a despeito de saber que se trata de mentira. Precisa elaborar e desenvolver a sua autoconsciência crítica, tomando em conta o estigma e o estigmatizador, o intolerante e a condição de subalternidade em que está jogado.

C – É evidente que a personalidade, sensibilidade e subjetividade do racista desempenha um papel importante ou mesmo decisivo na trama das relações e formas de sociabilidade. Na fábrica da sociedade burguesa, envolvendo a individuação e o individualismo, a competição e o êxito pessoal, o status

socioeconômico e a classificação social, *formam-se personalidades democráticas e autoritárias, tanto quanto estóicas e apáticas, egoístas e altruístas, neuróticas e psicóticas*. Sendo que esses traços, ou estruturas de personalidade, às vezes exercem um papel decisivo no modo pelo qual o indivíduo em causa se relaciona com o “outro” ou os “outros”, tomados como estranhos, exóticos, diferentes, irreconhecíveis, ameaças. Conforme sugerem Adorno, Sartre e outros, *o intolerante, preconceituoso ou racista inventa o objeto de sua intolerância, ódio, agressão*, podendo ser negro, árabe, judeu; por diferente, surpreendente. Sem esquecer que aquele que é marginalizado ou estigmatizado desenvolve uma consciência social singularmente sensível, fina, arguta, incômoda; traduzindo-se geralmente em mais lucidez, maior discernimento, o que é também diferente e surpreendente (ADORNO et al., 1950; SARTRE, 1960; FANON, 1952; MEMMI, 1966; MARX, 1969).

D – A *ideologia racial* dos que discriminam, dos que mandam, os quais podem ser “brancos” ou outros, sintetiza e dinamiza a intolerância, xenofobia, etnicismo, preconceito ou racismo. É a ideologia racial que articula e desenvolve a gama de manifestações, signos, símbolos ou emblemas com os quais indivíduos e coletividades “explicam”, “justificam”, “racionalizam”, “naturalizam” ou “ideologizam” desigualdades, tensões e conflitos raciais. O racista fundamenta em argumentos que parecem consistentes e convincentes a sua “taxionomia” e hierarquização, distinguindo, delimitando, segregando ou estranhando o “outro”: negro, árabe, judeu, índio, oriental e assim por diante. São estereótipos, signos e símbolos mobilizados ao acaso das situações elaboradas no curso de anos, décadas e séculos, com os quais o “branco”, “dolicocéfalo”, “europeu”, “ariano”, “norte-americano”, “ocidental” explica, legitima, racionaliza ou naturaliza a sua posição e perspectiva privilegiadas, de controle de instrumentos de poder. Nesse sentido é que a ideologia é uma técnica de estigmatização recorrente, reiterada em diferentes fórmulas e verbalizações, desenvolvendo a metamorfose da marca em estigma. Sob vários aspectos, essa ideologia racial é transmitida por gerações e gerações, através dos meios de comunicação, da indústria cultural, envolvendo também sistemas de ensino, instituições religiosas e partidos políticos; e tem sido, continuando a ser, um componente nuclear da cultura da modernidade burguesa. Esse o contexto em que se formula, cria ou engendra o “mito da democracia racial”, significando que a sociedade brasileira seria uma democracia racial, sem ser uma democracia política e, muito menos, uma democracia social. É claro que essa expressão dissimula uma sofisticada forma de racismo patriarcal, patrimonial, elaborada desde o alpendre da casa-grande. Mais do que isso, pode ser uma cruel mistificação da desigualdade, intolerância, preconceito, etnicismo ou racismo, enquanto argamassas da ordem social vigente, da lei e da ordem. “Cruel” porque implica em neutralizar eventuais reações ou protestos, reivindicações ou lutas dos estigmatizados, definidos de antemão como participantes tolerados da “comunidade nacio-

nal” (BASTIDE; FERNANDES, 1959; UNESCO-ANHEMBI, 1955; FERNANDES, 1972).

E – É óbvio que o discriminado, segregado, estigmatizado, definido como “estranho”, “desconhecido”, “não confiável” elabora a sua *contra-ideologia*, ideologia de protesto, indignação, reivindicação, emancipação. Simultaneamente à estigmatização elabora criticamente a própria situação e a do “outro”, geralmente mas não sempre “branco”, administrador, capataz, conquistador, colonizador, membro de setores sociais dominantes, os quais se imaginam “superiores”, “civilizadores”. É assim que o estigmatizado elabora e reelabora a sua identidade: no contraponto com a alteridade, na dinâmica das relações, processos e estruturas hierarquizadas, desiguais, com as quais os que mandam ou desmandam empenham-se em preservar “a lei e a ordem”. Nesse percurso atravessado por vivências, o estigmatizado desenvolve a sua percepção, sensibilidade, compreensão; construindo e reconstruindo a sua consciência no contraponto do “eu” e “outro”, “nós” e “eles”, “subalternos” e “dominantes”. Assim, aos poucos, ou de repente, realiza um entendimento mais amplo e vivo de qual é a sua real situação, quais são os nexos do tecido social no qual está emaranhado, de como essa situação implica decisivamente a ideologia e a prática dos que discriminam. Esse o percurso em que se desenvolve a consciência crítica, a autoconsciência ou a consciência para-si, reconhecendo que é desde essa autoconsciência crítica que nasce a transformação, a ruptura ou a transfiguração.

Charqueada Grande

Oliveira Silveira

Um talho fundo na carne do mapa:
Américas e África margeiam.
Um navio negreiro como faca:
mar de sal, sangue e lágrimas no meio.

Um sol bem tropical ardendo forte,
ventos aliseos no varal dos juncos
e sal e sol e vento sul no corte
de uma ferida que não seca nunca.

(SILVEIRA, 1986, p. 65)

Presentinho

Paulo Colina

Maio,
treze,

mil oitocentos e oitenta e oito,
me soam como um sussurro cósmico.

A noite sobressaltada
por sirenes me sacode.

Reviro os bolsos à procura do passe
que me permite, São Paulo, cruzar ruas
em latente paz.

A Princesa esqueceu-se de assinar
nossas carteiras de trabalho.

Desconfio, sim, que Palmares vivo
é necessário.

(CAMARGO, 1987, p. 180)¹

F – No limite, a questão racial, em todas as suas implicações sociais, políticas, econômicas, culturais e ideológicas, pode ser vista como uma expressão e desenvolvimento fundamentais do que tem sido *a dialética escravo e senhor* no curso da história do mundo moderno. Constitui um ângulo particularmente crucial e fecundo do que têm sido os diferentes desenvolvimentos da sociedade moderna, burguesa, capitalista; visto o capitalismo como um modo de produção e processo civilizatório, mas histórico e, portanto, transitório. O que já se esboçava no século 16, com a polêmica entre Bartolomeu de Las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda, a propósito dos povos e civilizações do Novo Mundo, desenvolve-se, aprofunda-se e generaliza-se no curso dos séculos seguintes, à medida que se formam e transformam as castas e classes sociais.

Daí a excepcional clareza, argúcia e contundência da famosa frase, com a qual Caliban anuncia a sua revolta contra Próspero: foi bom que você me ensinou a sua língua, agora já sei como amaldiçoá-lo. Assim nasce a rebeldia do colonizado contra o colonizador, do subalterno contra o conquistador; um primeiro momento da consciência crítica, da autoconsciência para-si; dialética essa que ressoa e desenvolve-se em escritos de Rousseau, Hegel, Marx, Engels, Gramsci, Fanon e muitos outros, em todos os continentes, ilhas e arquipélagos.

1. Consultar também: González; Mansour (1976); Bastide (1974); Clarke; Garvy (1974); Henry (2000).

“O problema do século 20, disse o famoso líder negro americano William E. Brughart Du Bois, em 1900, é o problema da barreira de cor, a relação das raças mais escuras com as mais claras, dos homens na Ásia e África, na América e nas ilhas do mar. Foi uma notável profecia. A história do século atual foi marcada, simultaneamente, pelo impacto do Ocidente na Ásia e na África e pela revolta da Ásia e da África contra o Ocidente... A longo prazo... dois fatores foram fundamentais... O primeiro fator foi a assimilação por asiáticos e africanos das idéias, técnicas e instituições ocidentais, que podiam ser aproveitadas contra as potências ocupantes, um processo em que eles demonstraram ser mais aptos que a maioria dos europeus tinha previsto. O segundo foi a vitalidade e capacidade de auto-renovação de sociedades que os europeus tinham, com excessiva facilidade, considerado estagnadas, decrépitas ou moribundas.” (BARRACLOUGH, 1976, p. 146, p.152-153)².

A dialética escravo e senhor pode ser tomada como uma das mais importantes alegorias do mundo moderno, fundamental na filosofia, ciências sociais e artes. Está presente em distintos círculos sociais, envolvendo tanto etnias e raças, como a mulher e o homem, o jovem e o adulto, o operário e o burguês, o árabe e o judeu, o ocidental e o oriental, o norte-americano e o latino-americano, os sul-africanos e os boers ou afriksners; diferentes coletividades, grupos sociais, classes sociais e nacionalidades; todos relacionando-se, integrando-se e tensionando-se, nos jogos das forças sociais.

Esta é a dialética das relações sociais, nas quais se inserem as relações raciais: o indivíduo, tomado no singular ou coletivamente, forma-se, conforma-se e transforma-se na trama das relações sociais, formas de sociabilidade, jogos de forças sociais. São várias, mutáveis e contraditórias as determinações que constituem o indivíduo, no singular e coletivamente, o que pode transformá-lo e transformá-los; daí constituindo-se o “negro”, “branco”, “árabe”, “judeu”, “hindu”, “mexicano”, “paraguaio”, “senegalês”, “angolano”; tanto quanto “operário”, “camponês”, “latifundiário”, “burguês”; tanto quanto “mulher”, “homem”; todos e cada um vistos como criados e recriados, modificados e transfigurados na trama das relações sociais, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais; envolvendo sempre processos socioculturais e político-econômicos, desdobrando-se em teorias, doutrinas e ideologias. Assim se dá a metamorfose do indivíduo “em geral”, indeterminado, em indivíduo “em particular”, determinado, concretizado por várias, distintas e contraditórias determinações. Esse o clima em que germina o “eu” e o “outro”, o “nós” e o “eles”, compreendendo identidade e alteridade, diver-

2. Citação do cap. VI: *A Revolta contra o Ocidente*, p. 146-188. Consultar também Shakespeare (1999); Hegel (2002), especialmente cap. IV: *A verdade da certeza de si mesmo*, p. 135-171.

sidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, divisão do trabalho social e alienação, lutas sociais e emancipação.

Referências bibliográficas

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz, p. 67-93, 1985.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes.

ADORNO, T.W. et al. *The authoritarian personality*. New York: Harper & Brothers, 1950.

SARTRE, J.-P. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. Trad. J. Guinsburg.

FANON, Frantz. *Peau noire masques blancs*. Paris: Éditions du Seuil, 1952.

MEMMI, Albert. *Portrait du Colonise*. Utrecht: Jean-Jacques Pauvert Éditeur, 1966.

MARX, Karl. *A Questão judaica*. Rio de Janeiro: Editora Laemmert, 1969. Trad. Wladimir Gomide.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

UNESCO-ANHEMBI. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi, 1955.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

SILVEIRA, Oliveira. Charqueada Grande. In: CAMARGO, Oswaldo de (org.). *A Razão da chama*. São Paulo: Edições GRD, p. 65, 1986.

CAMARGO, Oswaldo de (org.). *O negro escrito* (apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, p. 180, 1987.

GONZÁLEZ, José Luís; MANSOUR, Mónica (org.). *Poesia negra de América*. México: Ediciones Era, 1976.

BASTIDE, Roger. *As Américas negras*. São Paulo: Difel, 1974. Trad. Eduardo de Oliveira e Oliveira.

CLARKE, John Henrik; GARVEY, Amy Jacques (org.). *Marcus Garvey and the vision of Africa*. New York: Vintage Books, 1974.

HENRY, Paget. *Caliban's reason* (introducing Afro-Caribbean philosophy). New York: Routledge, 2000.

BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à história contemporânea*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

SHAKESPEARE, William. *A tempestade*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999. Trad. Barbara Heliodora.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. Trad. Paulo Meneses.